

O GLOBO

Discos: *Chegam às lojas antigos shows de Ella e Peterson* • 2

SEGUNDO CADERNO

Cinema: *James Cameron vende 'Avatar' e filma na Amazônia* • 8

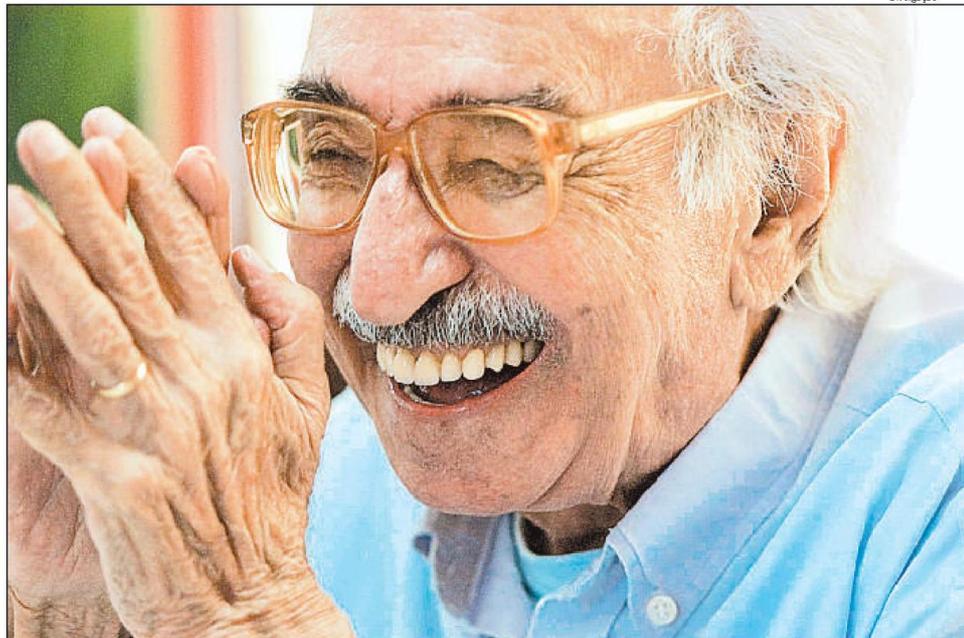
TERÇA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 2010

O poeta que queria ser árvore

Aos 93 anos, Manoel de Barros lança inédito e 'Poesia completa'

ESSA FUSÃO COM A natureza tirava minha liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim quatro desenhos verbais que fiz para este livro. Acho-os como os "impossíveis verossímeis" do nosso mestre Aristóteles. Dou quatro exemplos: 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer pra passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.

Trecho da apresentação de Manoel de Barros para sua "Poesia completa"



Divulgação

O POETA

Manoel de Barros, que lança "Menino do mato": "Meu trabalho é o de fazer vadiagem com as palavras"

Guilherme Freitas

No texto de apresentação de sua recém-lançada "Poesia completa" (Leya), Manoel de Barros diz sentir desde cedo algo que descreve como uma "fusão com a natureza". Em seus 21 livros, escritos ao longo de 73 anos, o significado misterioso dessa "fusão" é sugerido muitas vezes pela figura de uma árvore. Para Manoel de Barros, poetas são "homens/ que atravessam períodos de árvore", a sabedoria pode ser "estar uma árvore", e o melhor conselho para os chatos que tentam "entender" seus versos é: "Poesia não é para compreender mas para incorporar/ Entender é parede: procure ser uma árvore". "Menino do mato", lançado pela Leya este ano e incluído na "Poesia completa", retoma essa imagem da fusão com a natureza (ver box ao lado). Uma fusão impossível, é claro, mas que na poesia pode ao menos ser imaginada. Em conversa com O GLOBO por e-mail, Barros diz que em sua obra as coisas da natureza — árvores, pedras, rios, insetos — não são descritas, e sim recriadas: — Temos que imprimir formatos de canto aos latos da natureza. Temos que renovar pelo canto a feição da natureza. Acho que é o desejo de todo artista — diz.

"Em onesia a

se referir a seus poemas, e às artes em geral, como coisas "desúteis" e "lógicas" ("Porque são louvações que pretendem o encantamento e não as informações", justifica). Apesar disso, ou talvez por isso mesmo, está longe de ser um poeta "espontâneo" e "simples", como muitas vezes é descrito. Definindo-se como um "fazedor de frases", trabalha obsessivamente os versos através da justaposição de palavras e ideias que desafiam a razão.

— Foi ele, o Idiota, que me ensinou a desobedecer às normas da linguagem e distorcer algumas ideias para dar canto às palavras. Disse mais: não ligue para a razão. Que em poesia a razão é acessório.

A "Poesia completa" mostra a evolução desse "idioleto". Os textos mais narrativos de seu livro de estreia, "Poemas concebidos sem peca-

do" (1937), povoados por personagens como Cabeludinho e Seu Zezinho-márgens-plácidas, aos poucos dão espaço às frases polidas e desconcertantes de obras como "O livro das ignorações" (1993) e "Tratado geral das grandezas do infimo" (2001).

Vendo seus poemas reunidos pela primeira vez, Barros encara esse trajeto de sete décadas com humor:

— Tenho saudades do Cabeludinho e de mim. E da preta Margarina e do meu amigo Sabástião (outros personagens de seu livro de estreia).

E tira do próprio percurso uma lição, enunciada no estilo "ilógico" de seus versos:

— Percebi que a visão da criança altera a natureza, tipo assim: "Eu vi a tarde correndo atrás de um cachorro".

Para alguém que "queria fazer parte das árvores como os pássaros

fazem", já se vê a importância de descobrir que a visão da criança pode alterar a natureza. Manoel de Barros frequentemente associa a poesia à linguagem infantil ("Poesia é a infância da língua", escreve no texto reproduzido no alto desta página). Mas infância para ele parece significar não um ideal de inocência, e sim um olhar sem vícios, uma linguagem ainda não dominada pela "razão" dos adultos, e por isso aberta às associações mais inesperadas ("Quando meu Vô morreu caiu um silêncio/ concreto sobre nós./ Era uma barra de silêncio!", lê-se num dos poemas de "Menino do mato").

— Acho que eu tinha a infância pregada em minhas palavras. E agora neste "Menino do mato" tentei me ser adulto. Mas acho que errei. Continuei com o divino absurdo das palavras — diz Barros, que se recusa a fazer distinções entre os quatro livros "infantis" incluídos na "Poesia completa" e o resto de sua obra ("Para meu gosto, os meus livros para adultos são infantis. Porque estão cheios de despropósitos").

Nascido em Cuiabá em 1916, filho de um capataz, Manoel de Barros viveu boa parte de seus primeiros anos numa fazenda no Pantanal, onde conviveu intimamente com a natureza que mais tarde tentaria "re-

Formado em Direito, viveu no Rio por cerca de quatro décadas (com interlúdios na Bolívia, no Peru e em Nova York), publicando os primeiros livros de poemas, escritos nas horas vagas, sem muita repercussão. Nos anos 1960, voltou ao Pantanal para cuidar de uma fazenda deixada pelo pai e passou uma década praticamente sem escrever. Mais tarde, instalou-se em Campo Grande, onde vive até hoje.

A partir da década de 1980, sua obra passou a receber mais atenção e, desde então, recebeu os mais importantes prêmios literários do país

(dois Jabutis, dois Nestlé, um prêmio da ABL e um da Biblioteca Nacional, entre outros). Hoje, é considerado um dos grandes estilistas do idioma, com uma obra comparada, pelo grau de invenção linguística, à de Guimarães Rosa, de quem se diz "admirador apaixonado" (Barros chegou a tentar escrever um texto que seria publicado com "Grande sertão: veredas", mas desistiu depois de ler a obra do colega: "Fiquei roseado. Tudo que por então escrevi limitava o Rosa", lembra).

O poeta que sempre se orgulhou de não ser "biografável" se diz satisfeito com o recém-lançado filme "Só dez por cento é mentira", do diretor Pedro César ("É uma história de não ser biografável")



EU QUERIA FAZER PARTE DAS ÁRVORES COMO OS

pássaros fazem. Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem. Eu só não queria significar. Porque significar limita a imaginação. E com pouca imaginação eu não poderia fazer parte de uma árvore.

Um poema a razão é acessório”

• Barros escreve naquilo que ele mesmo já definiu, no “Livro sobre nada” (1996), como “ídioteo manoelês arcaico”: o dialeto “que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas”. Gosta de

*Como os passaros fazem.
Então a razão me falou: o homem não
pode fazer parte do orvalho como as pedras
fazem.
Porque o homem não se transfigura senão
pelas palavras.
E isso era mesmo.*

Poema de “Menino do mato”, de Manoel de Barros

criar em sua obra. Aos 8 anos, foi mandado pelo pai para um colégio católico no Rio. Sem parentes na cidade, passava as horas de folga jogando bola e explorando a biblioteca do internato. Ali desenvolveu o gosto pelos livros, encantado principalmente pela prosa do padre Antônio Vieira, que leu primeiro como castigo, depois por prazer.

puro cinema e não faz biografia, elogia). Aos 93 anos, premiado por críticos e querido pelos leitores, Manoel de Barros desfruta do ócio que sempre considerou essencial para a poesia.
— Para que eu seja um poeta, preciso de não ter o que fazer. Meu trabalho é o de fazer vadiagem com as palavras. ■